

## Leibniz e a Cadeira de Cinema

A. L. L. Videira<sup>1,2</sup>

<sup>1</sup> *Departamento de Física, Universidade de Évora, Ap. 94, 7001 Évora Codex, Portugal.*

<sup>2</sup> *Centro de Matemática e Aplicações Fundamentais, Universidade de Lisboa, Av. Prof. Gama Pinto, 2, 1699 Lisboa, Portugal.*

A minha memória já não é o que era. Aliás, como eu não me lembro bem, talvez a minha memória nunca tenha sido lá essas coisas. Isto a propósito de quê mesmo? Ah, já sei: a propósito do Plínio. Através do meu filho, chegou-me, mais esta vez, uma solicitação para que eu escrevesse alguma coisa sobre o Plínio. Eu (como acabei de avisar) não me lembro, mas poderia jurar que esta deve ser, pelo menos, a décima vez que sou chamado a escrever sobre o Plínio. Sem exagero algum. Eu, claro, concordo sempre, e, tendo concordado, escrevo. Mas, então, perguntará algum desavisado representante das gerações mais recentes: Já se publicaram tantas reminiscências assim sobre esse tal Plínio (seja ele lá quem for) ?

Estou a escrever isto e ocorre-me a endêmica e persistente falta de memória que sempre affligiu o coletivo nacional. Passa-se uma geração – por vezes até menos – e o calor e a humidade tropicais encarregam-se de apagar, de varrer, da nossa lembrança praticamente tudo e praticamente todos [1].

Não, caros eventuais jovens leitores, até hoje, quanto eu saiba, não se publicou quase nada sobre o mestre Plínio, e a razão, para mim, é perfeitamente óbvia e perfeitamente coerente com o modo de ser do Plínio: entre outras particularidades suas incluía-se a aversão – que sempre me pareceu intimamente ligada a um real sentido de recato, a um senhoril pudor – a ter a suas idéias publicadas, a vê-las expostas em campo aberto ao

vozerio público das opiniões [2].

Tendo sido uma das figuras mais críticas que me tem sido dado conhecer, Plínio foi, coerentemente, o mais severo crítico de si mesmo. Plínio simplesmente não publicava. Daí que praticamente nada haja de seu gravado em letra de forma; daí o imperativo, para aqueles que tiveram o privilégio de privar com ele, de deixarem o registo, embora mero esboço incompleto, embora apenas arredia sombra, da lembrança, da memória de Plínio Sússekind Rocha.

Tão crítico – e, portanto, tão avesso – era Plínio à publicitação indiscriminada das idéias, que eu estou convicto (e tenho disso sobejas, seguras e boas provas) que ele continua, muito a seu jeito, a divertir-se, impedindo sistematicamente que a maioria dos esforços efetuados desde a data da sua morte até hoje para prestar-lhe qualquer tipo de homenagem impressa, e, portanto, pública, tenham tido sucesso. (Será, talvez, em parte, por nunca se ter tido o juízo de prestar-lhe uma homenagem ainda em vida?)

Chegou mesmo a haver uma saborosa sessão em casa da Sarah [3], onde, à volta de uma garrafa e de um gravador, se reuniu um pequeno grupo de fieis [4] com o nobre e otimista propósito de recolher alguns depoimentos cruzados sobre o Plínio, os quais, depois de editados, seriam...publicados. Noite alta, garrafa (garrafas ?) baixa, eu poderia jurar que o velho Plínio tinha-se-nos juntado e que estava fartamente divertido com todos aqueles pândegos. Achei por bem anunciar à congregação que, se calhasse, o nosso saudoso e saudado mestre não iria concordar com que nada da nossa conversa extravasasse daquela sala. Que não, que estava tudo gravado, que daquela vez é que era líquido e certo que o Plínio não escapava do prelo. Só que – e eu aqui reservo-me o direito de invocar o testemunho dos meus parceiros de conjura, que me não deixariam mentir, ou, sequer, exagerar – só que, o tal gravador, fosse por que fosse, misteriosamente, mas inapelável e irremediavelmente, quando solicitado a remeter-nos o seu conteúdo, demonstrou estar com a fita totalmente em branco. Nada do que se dissera ficara gravado para a posteridade. *Not a word*; nada. Exatamente como sempre se passara durante a vida do Plínio. Tal e

qual [5].

Dissecador de idéias, Plínio foi a mais cartesiana, a mais "francesa" de todas as figuras da ciência brasileira que me foi dado conhecer. Pouquíssimas, raríssimas vezes, tive ensejo de poder apreciar ordenações, encadeamentos tão brilhantes, tão bonitos, por que não dizê-lo, tão inteligentes [6] de oralidade. Como paralelo ocorre-me apenas – e isso no outro hemisfério das duas culturas – a figura do Hélio, também ele brilhante, também ele fascinante.

Nesta vida que levamos e em que nos encontramos todos escravos da obrigação burocrática de publicar regularmente, de publicar constantemente – e, claro está, de publicar sempre em inglês e sempre em revistas com arbitragem sapientíssima e severa – Plínio pensava, argumentava, analisava, discorria, ensinava, orientava, mas... não publicava. Pecado esse intolerável, que, embora não condenando à pena capital, pode sujeitar os infratores seja à irrisão condescendente, seja ao degredo para a periferia, implicando, porém, sempre na exclusão do convívio com os sábios e numa indiscutível menoridade profissional.

A certa altura da vida, viu-se o Plínio confrontado com a abertura de um concurso para provimento efetivo da cátedra de mecânica, que ele, desde sempre, ocupara interinamente na antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Admitiu-se sossegadamente que ninguém ousaria ir disputar ao mestre Plínio o que, por direito inalienável lhe pertencera desde sempre e, para sempre, deveria continuar a pertencer. Vem, porém, o Constantino – mais por birras antigas [7] com o Plínio enquanto estudante do que por qualquer outra razão – desafiar o antigo professor, candidatando-se ao concurso. Cáspité! Ficou tudo estupefacto e indignado. Esta agora!

Bem, lá se teve que escrever uma tese para o tal concurso, que, é claro, depois de vários

episódios, nunca chegou a acontecer, ficando-se, como tantos outros *Gedanken episoden* da vida do Plínio, pela categoria de mero episódio virtual.

Não me cabe certamente a mim fazer o panegírico do Plínio. (*Highly improper. What!*). Figura indubitavelmente controversa (como sói dizer-se), apreciado por uns, menosprezado por outros, suscitando encômios em uns e fúria em outros, nós, os seus admiradores certos e seguros, vimo-lo sempre como uma figura marcante (como sói dizer-se) e determinante da cultura do seu tempo. O que é inegável é que impressionou fundamente – positiva ou negativamente – os espíritos de tantos dos seus estudantes, de tantos dos seus colegas, de tantos dos seus interlocutores [8].

Plínio o intelectual, Plínio o sensual [9]. Apreciador da beleza da inteligência, da beleza da carne, da beleza da mesa. Tantas histórias: Plínio, o primeiro entre os professores a dar-se conta (pelo menos explicitamente) da excepcionalidade do André; Plínio, a escolher recônditos e dúbios restaurantes na Lapa, onde se serviam estranhos ensopados de cabra; Plínio, a instalar-se num camarote de um cinema na Paris do pré-guerra e a sua acompanhante a revelar surpreendentes nudezas por baixo do casaco de peles. (Abriam-se mais os olhos húmidos, a imaginar gulosamente a cena, que ele, misterioso, deixava apenas adivinhar. O que se teria passado no aconchego escuro daquele camarote? Respirava-se fundo, acendiam-se cigarros.)

Ano de 1957, o terceiro e mais difícil do nosso curso, sobretudo pela presença temível do Plínio à frente da cadeira de mecânica analítica. Nós, é claro, estávamos sobejamente avisados pelos sofridos veteranos de anteriores campanhas para a dura batalha que se iria travar e ansiávamos para que, com bastante esforço e alguma sorte, lá nos conseguíssemos safar e ultrapassar aquela figura mais temerosa do que o Adamastor do Gama.

Os recontros decisivos davam-se por altura dos exames. Parecendo divertir-se bastante com a nossa angústia, anunciava que poderíamos lançar mão de todo o material de consulta

que quizéssemos; mais: que não haveria, praticamente limitação de tempo. E era ver então alguns dos seus alunos debruçados sobre as carteiras pejadas de livros e papeis, a penar horas a fio, até que, vencidos pelo cansaço e pela fome, batessem em retirada. Só que, em 1957, a hoste estudantil viu aparecer um formidável campeão: sem atoarda de trombetas ou erguer de pendão, Jorge André entrou sossegadamente na liça. Plínio cedo se deu conta da excepcionalidade do André, tendo mais tarde me admitido que chegara a sentir-se intimidado com semelhante "opositor". Conhecedor muito próximo das capacidades de combate intelectual do meu colega e amigo, muito me diverti uma tarde ao receber um telefonema preocupado da D. Renata, mãe do André, sem saber o que fazer com o filho que se queixava das "dificuldades" da cadeira de um tal professor Plínio [10].

Nesse mesmo ano de 57, a cadeira de eletromagnetismo foi-nos dada pelo Tiomno (que, por essa altura, era magro, usava bigode e fumava). Foi também nesse ano que o Tiomno nos apresentou o Feynman, que se encontrava de visita ao CBPF [11].

André, Nicim e eu tínhamos bolsa do CNPq desde o nosso segundo ano na Faculdade, sob orientação da Elisa, tendo nós os três começado, nessa condição, a frequentar o modesto pavilhão do Centro. Nos dois últimos anos continuamos como bolsistas, mas já então sob a batuta do Jayme. Apesar disso, e apesar de termos tido aulas no quarto ano com o Beck, com o Leite e com o Moysés, o André, em parte seguramente devido à atuação do Plínio, foi "desviado" em direção ao Schenberg, de modo que, uma vez acabado o curso, o nosso trio desfez-se, tendo o André se encaminhado para a USP, onde logo se doutorou.

Se há, neste mundo, alguma coisa sem limite será, com certeza, a mediocridade. Os anti-Plínio, os Plínio-barra ( $\bar{P}$ ) – que, sobretudo desde a Revolução Industrial, têm vindo a beneficiar-se de um crescente protagonismo – constituem neste nosso século, triste entre todos, legiões despropositadas em número e em poder. O terceiro chimpazé [12] – que modestamente se autodenominou *Homo sapiens sapiens* – após uma penosa, angustiada

e frustrada tentativa de se demarcar dos outros dois chimpanzés, seus primos diretos [13], finalmente desistiu desse pretencioso, descabido e impossível distanciamento, vindo assumir sem subterfúgios ou equívocos a sua condição inescapável de primata. Assim, melhor do que o filósofo ou o sociólogo, deverá ser o antropólogo ou o etnólogo a debruçar-se sobre a nossa cada vez mais incontinente e despudorada mediocridade. Que, aliás, se manifesta, na nossa irrefletida imposição a tudo que nos cerca; na nossa apropriação, será melhor dizer na nossa violação, tão inconsciente como eficiente, da casa em que vivemos (como se houvesse outra!); na multiplicação descontrolada da nossa espécie, acompanhada de sucessivas e cada vez mais bem sucedidas tentativas de auto-extermínio; no nosso uso de drogas incapacitantes e letais.

É vê-los então a urrar coletivamente nos estádios e a envolverem-se em combates singulares ao volante das suas preciosas carroças de combate. É vê-los não apenas na, e à frente da, televisão mas na música minimalista, na pintura de latas de tomate, no pensamento pós-modernista [14]. É vê-los poderosos, muito poderosos, poderosíssimos, democratas ou ditadores, mas sempre acomodados nas cadeiras do poder [15]. E é vê-los ricos, muitos ricos, riquíssimos, a desfrutarem de todas as benesses por eles e para eles criadas.

Ora, justamente, a bem da verdade, não se pode dizer que, após a sua aposentadoria compulsória pelos poderes vigentes na época, os últimos anos de vida do Plínio, o anti-medíocre, o medíocre-barrado ( $\bar{M}$ ), tenham sido de desafogo financeiro, tendo sido preciso, a certa altura, que a comunidade científica brasileira lhe desse uma pequena e insuficiente ajuda. Foi assim que, após ter-me dirigido às pessoas mais próximas dele e de mim, lá fui à sua casa e da sua Mirce entregar-lhe, um tanto desajeitado e contrafeito, um cheque. A reação foi pronta: "Você esteve em..., não esteve? Fulano e Beltrano contribuíram para isto? Porque eu não aceito coisa alguma deles!" Eu, muito surpreso, sem perceber o que é que de tão sério ele teria contra os tais Fulano e Beltrano (que, realmente, haviam prontamente correspondido à minha solicitação), respondi apenas que o cheque estava

assinado por mim e só por mim e que, portanto, eu era o único avalista visível. ”De mim, tem que aceitar o cheque.” Lá o venci, sem, porém, convencê-lo, porque parece que andou a investigar quem teria realmente contribuído. Típico.

”Cinema” – e parava, numa pausa breve, que tanto servia para dar ênfase à frase, como para recompor a respiração ofegante pelas dezenas de cigarros consumidos diariamente – ”cinema é corte.” E lá seguia ele em mais uma fascinante viagem de criação intelectual. Vinham os exemplos do Griffith de *Birth of a Nation*, do Eisenstein de *Bro-nosec Potiemkin*, de *Generalnaia Linia*, de *Alexandr Nevski*, e, claro está, acima de tudo, vinha o Mário de *Limite*. Ah, *Limite*! O filme mítico, mágico, insuperável na sua transcendência limite. Ah, esse filme limite, cuja mística deve mais ao Plínio [16] do que aos *Cahiers du Cinéma*.

Na sua pequena cinemateca, guardada nas suas dependências na F.N.Fi., na antiga casa da Itália, ali ao Castelo, ele entesourava ciosamente, entre algumas poucas preciosidades do cinema mudo (o único admitido por ele), a única cópia existente, já bastante maltratada, do filme do seu amigo Mário.

De raro em raro projetava, lá mesmo na Faculdade, com a ajuda do indefectível Euclídes, um dos seus filmes [17]. Recordo-me particularmente da exibição que nos fez, para um reduzidíssimo grupo de jovens acólitos, de *Linha Geral*. A alturas tantas, interrompida a projeção, Plínio brindou-nos com um espantoso comentário sobre a cena da procissão. Decorridos quarenta anos, ainda ressoam na minha (pouca) memória os ecos daquele deslumbrante encadeamento de idéias: a cena crescia, ganhava contornos originais, revestia-se de matizadas subtilezas. Já não era tanto a procissão de Eisenstein, mas a procissão de Plínio. Assim como *Limite*, visto pelo seu olhar, melhor, criado pela sua palavra, era seguramente tanto obra sua quanto do recluso da Ilha Grande.

Plínio e o cinema. Certa tarde, lá fomos os dois até ao Aterro, rumo da Cinemateca,

que apresentava *Cenas de um Casamento*. Como com Plínio os desafios fossem constantes, as primeiras salvas ele deu-as logo à partida, com a escolha das nossas cadeiras. Cadeiras que inapelavelmente, inexoravelmente, irremediavelmente, tinham que ser sempre do lado esquerdo [18] e a uma certa distância ideal da tela. Estendida a teia, ele antegozava as perguntas inevitáveis, a que se seguiriam as necessárias explicações, vazadas do alto, condescendentes com as nossas manifestas limitações. Ficarei para sempre sem saber quais seriam, efetivamente, as suas razões para a sua rígida escolha de uma cadeira de cinema, visto que não consegui apanhar as suas justificações, por ter sido, logo à partida, posto fora de combate, literalmente nocauteado, por um inesperado petardo de não desprezível calibre: pois se a escolha do lugar envolvia inescapavelmente Leibniz! [19]

Ao sair e encaminharmo-nos a pé para a inevitável Lapa, a fim de jantarmos, ele logo retomou as hostilidades, querendo saber a minha opinião sobre o filme de Stroheim. Lá tartamudeei qualquer coisa irrelevante, perfeitamente cômico de que o meu papel era tão somente o de dar-lhe a vaza, que, é claro, não se fez esperar: "Mas, e o espermacete?" O espermacete? O espermacete? Mas qual espermacete, oh numes benévolos e propícios? Resultava que tinha sido perfeitamente em vão a minha excursão cinéfila: a essência primeira e última do filme concentrava-se num círculo a desfazer-se na penumbra da igreja, coisa de que eu, evidentemente, não me dera minimamente conta. E, enquanto andávamos, lá desenrolou a tese do espermacete [20].

Muito gostava o Plínio de propor problemas ao seu círculo de relações. Problemas, já se vê, de muito difícil, senão mesmo impossível solução, e que iam desde a procura de um poiso para morar (esse, obrigatoriamente, com solução), até à procura de um dentista inexistente (e, portanto, obviamente, sem solução). [21]

A sua última morada foi ele buscá-la à Lapa – "a Lapa, professor Plínio?" Claro que a Lapa, e as razões outra vez escorriam límpidas, irrefutáveis, de uma necessidade inescapável. Pois se a Lapa oferecia, como nenhum outro lugar do Rio, tudo o que lhe era



mais fundamentalmente necessário: lá encontraria ele os hospitais para a sua hipocondria; lá, as mulheres públicas – ”as mulheres públicas, professor Plínio? ” Elementar e transparente: fazendo a sua vida pela noite fora, elas garantiam e justificavam a existência de toda uma atividade a desoras, que, entre outras coisas, asseguravam-lhe o que, realmente, lhe interessava: a existência de botequins abertos alta madrugada, onde, notívago que era, pudesse beber café e comprar os vários maços de cigarros de que necessitava diariamente.

Desde os primeiros tempos que privei com ele, descobri-lhe o gosto especial pela Lapa e lembro-me de, logo após ter deixado de ser seu aluno, termos ido os dois jantar a uma tasca esconsa, da qual ele dizia maravilhas enigmáticas e arcanas, mas que (cá entre nós) não me impressionou tanto como isso [22]

Espero que, por agora (mesmo porque estou quase a terminar), já se tenham todos dado conta que eu – saudosista confesso e irrecuperável que sou – estou a escrever tudo isto cheio de saudade. Saudades da F.N.Fi., do Plínio, do André; saudades daquele então verdadeiramente maravilhoso Rio; saudades, obviamente, dos meus vinte anos.

Perto do fim – e plenamente cômico disso – Plínio, da sua cama de hospital, evidentemente não se despediu diretamente de mim. Fê-lo, sim, à sua maneira, lançando-me um último desafio, um último problema, uma última e tipicamente sua dificuldade a superar. Ofegante, a respiração custosa, embora com o tom de voz de sempre, manifestou-me que era imperativo que se conseguisse arranjar um projetor adequado para *Limite*.

Foi assim, muito apropriadamente assim, à volta do seu *Limite*, que eu, já ali com muita saudade daquele homem extraordinário, despedi-me interiormente dele: ”Adeus, Professor Plínio. Até sempre. Ao limite.”

## Notas

- [1] Veja-se, a propósito, o recente artigo de A. A. P. Videira sobre o primeiro presidente da Academia Brasileira de Ciências: "Henrique Morize e o Observatório Nacional", Série Ciência e Memória, N. 04/97, Observatório Nacional / CNPq.
- [2] Publicar: ...Pôr á disposição do público; mostrar em público, dar espetáculo; expor em público, exhibir; editar, publicar (um livro). Séc. XIII: Poys que offyzio dos escriuaes e *publicado* e communal..., Fuero, p. 42, in Machado, José Pedro, Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Livros Horizonte, 5. edição, Lisboa, 1989.
- [3] Aviso aos navegantes sem bússola, sem cartas ou portulanos adequados: Isto que aqui vai (e que, pressinto, mais esta vez, não venha a ser publicado), embora não exclusivamente, é, em grande parte, para uso interno; é para os poucos que sabem, para os poucos que se lembram. Daí que eu me reserve o direito de limitar-me, frequentemente, aos nomes próprios. Isto que aqui vai é, acima de tudo para os fieis. *Les autres doivent fouiller comme Schliemann (que tal Sarah?) et essayer de comprendre.*
- [4] Sarah, Zielli, Pinguelli, Carlos e eu.
- [5] É verdade: afianço-lhes que não tive qualquer interferência direta com tal desfecho; mesmo que eu quizesse, não saberia como impedir a tal maquina de cumprir a sua função.
- [6] Ah, o que não diria o Plínio – a cara toda e a voz toda a refletirem a crítica aguda – ao ler estas palavras tão chãs, tão *naïve*, tão pouco refinadas.
- [7] O Constantino, com quem eu simpatizava muitíssimo – e em casa de quem comi há infindáveis anos uma memorável tartarugada, oferecida pela Solange e por ele – era conhecido pelas suas muitas e variadas birras. Tudo se lhe podia perdoar, exceto, claro está, opor-se a Mestre Plínio.
- [8] O Saulo já escreveu sobre a relação do Plínio com o Mário de *Limite*; não sei se algum

dia se chegará a escrever sobre a sua relação com o Mário do *Efeito Urca*.

- [9] Características muitas vezes sobrepostas na mesma personalidade. Vem-me à cabeça Einstein, só que, com ele, houve a intenção determinada dos seus testamenteiros de se tornarem em hagiógrafos e fazerem do nosso Alberto um ícone perfeito do nosso tempo.
- [10] As nossas famílias, as nossas namoradas, todos à nossa volta participavam do nosso envolvimento com o faladíssimo professor Plínio. Se quiserem, perguntem à Clara ou à Ana Maria quem foi o Plínio e verão.
- [11] Eu já contei a história do nosso encontro com o Feynman em "Um Físico que Tocava Frigideira", *Vértice*, N.2, IIª Série, p. 107, Maio de 1988.
- [12] Veja-se o elucidativo *The Rise and Fall of the Third Chimpanzee*, de Jared Diamond (Vintage, Random House, Londres, 1992), p.2: "A zoologist from outer space would immediately classify us as just a third species of chimpanzee, along with the pygmy chimp of Zayre and the common chimp of the rest of tropical Africa."
- [13] Ibidem, p.2: "Molecular genetic studies over the last half-a-dozen years have shown that we continue to share over ninety-eight per cent of our genes with the other two chimps".
- [14] Nas palavras do diretor do Barbican Arts Center, argumentando que pressões financeiras e anti-elitistas levam à criação de cultura homogênea (*Time*, edição de 2 de Junho de 1997): "Are we content with a world made safe for Macfood and Walculture and Rupertnews and Tedvision?"
- [15] "Windbags, bluffers, and moral one-uppers are having a field day. The daft and the silly are raised on high." Norman Levitt, *Mathematics as the Stepchild of Contemporary Culture*, em *The Flight from Science and Reason*, Paul R. Gross, Norman Levitt e Martin W. Lewis, editores, The New York Academy of Sciences, Nova York, 1996,

p. 48.

[16] E, posteriormente, ao Saulo.

[17] Ao que constou na altura, um dos pretextos (mediócreres...) para prendê-lo durante alguns dias após o golpe militar de 1964 (além das acusações de um pequeno e triste biltre que lá havia pela F.N.Fi.) fora ele possuir filmes de "perigosa propaganda revolucionária".

[18] *Et pour cause*, dirão alguns.

[19] *Good grief!* Como diria o sempre justo e correto Charlie Brown.

[20] Aliás, até hoje, foi a única vez que eu ouvi alguém usar a palavra espermacete na linguagem corrente.

[21] Nas palavras de Barry Gross: "*Smart people have smart problems – perhaps a colloquially expressed version of Hume's first inquiry.*" Barry S. Gross, *Flights of Fancy: Science, Reason and Common Sense*, em em *The Flight from Science and Reason*, Paul R. Gross, Norman Levitt e Martin W. Lewis, editores, The New York Academy of Sciences, Nova York, 1996, p. 80.

[22] Muito anos passados, lá fomos, mais a Sarah e o Joaquim, em peregrinação ao venerável Bar Brasil, comer *kasseler* com lentilhas e beber o chope agosto.